

CENTRO DE MEMÓRIA QUEIXADAS – CMQ

PERUSPÉDIA

Terezinha Rosário Pinto

Terezinha Rosário Pinto nasceu em Atibaia, no interior de São Paulo, em 8 de maio de 1933.

Era a mais velha de cinco filhos e aos sete anos, junto com os seus pais, mudou-se para Perus. O motivo era o novo trabalho de seu pai, que arrumou emprego como motorista - para o transporte de caulim - nas jazidas do senhor Fiorelli Peccicacco.

Estudou até os 12 anos, quando arrumou o seu primeiro emprego em uma fábrica de porcelana, também da família Peccicacco. Em um turno, moldava louças das 7h às 17h30. Muitas vezes, a pedido da chefia, trabalhava no período noturno.

Zinha, como era chamada, trabalhou nesta fábrica por três anos. Depois foi trabalhar na Atma, uma fabricante de brinquedo de plástico, na Rua do Curtume. Para chegar ao emprego “pegava” três conduções.

Na Atma, começou trabalhando na pintura e depois passou para a embalagem. Saiu do emprego anos mais tarde para se casar com João Breno Pinto, que na época trabalhava na Fábrica Fundação Progresso (como apontador de produção e, mais tarde, na rosqueadeira) no bairro da Lapa.

Breno esteve entre os organizadores da greve geral, conhecida como a “Greve dos 300 mil”, na Fundação Progresso, em 1953, e foi demitido logo após a paralisação. Neste mesmo ano – ainda desempregado – casou-se com Terezinha, em 28 de novembro. Com o dinheiro da demissão o casal comprou um terreno (para fugir do aluguel) e uma máquina de costura.

Terezinha trabalhava em casa costurando para lojas da região da Rua 25 de março, no centro de São Paulo. Pouco tempo depois, em janeiro de 1954, Breno começou a trabalhar na Fábrica de Cimento Portland Perus como ½ oficial de mecânico de manutenção.

Breno e Terezinha tiveram sete filhos, todos homens. Além dos filhos biológicos, o casal criou mais três sobrinhos. Com a militância sindical do marido, que em muitos momentos estava ausente, dona Zinha era responsável pelos cuidados com os filhos e com a casa. Ao mesmo tempo costurava para gerar renda e garantir o sustento da família.

Durante a Greve de 7 Anos, ela contava com o apoio de seu pai e de um cunhado. Como trabalhava com transporte de Caulim, o pai de Terezinha juntava o produto que caía dos pacotes e ensacava novamente para vender e, com o dinheiro, ajudar a filha que também contava com o apoio da vizinhança.

Em meio a perseguição sofrida por João Breno, muitas vezes, preso pela polícia (em pleno período de ditadura militar), Terezinha criou os seus filhos. Sua casa vivia vigiada e, até mesmo, cercada por policiais que buscavam Breno.

Em algumas ocasiões viu seu marido ser levado pelos policiais, ficando dias sem nenhum tipo de notícia. Nestes momentos, Terezinha contava com a ajuda e solidariedade dos

companheiros do Sindicato dos Queixadas, assim como de outras mulheres, também casadas com trabalhadores grevistas.

Autoria do texto: Sheila Moreira, 09/05/2022.